



# ***IN DIVERSITATE RENASCOR: UMA REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DOS ESTUDOS CLÁSSICOS NO BRASIL A PARTIR DA UFSC***

***IN DIVERSITATE RENASCOR: A REFLECTION ON THE HISTORY OF CLASSICAL STUDIES IN BRAZIL FROM UFSC***

**Luiz Henrique Milani  
Queriquelli\***  
**Thaís Fernandes\*\***

\* luizqueriquelli@yahoo.com.br  
Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC.  
Docente do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFSC.  
\*\* fernandes.tha@gmail.com  
Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC. Docente do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFSC.

**RESUMO:** Este trabalho propõe resgatar a história dos estudos clássicos (EC) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), buscando situá-la na história dos EC brasileiros e analisar suas mudanças e reações ao longo das décadas, além de ensaiar reflexões a partir desse resgate. Os resultados mostram que a UFSC surge no momento em que os EC deixam a educação básica e se expandem na educação superior, estando presentes nela desde sua fundação. Nos anos 90, a flexibilização dos currículos de Letras engendrada pela LDB de 1996 impactou negativamente a área, porém houve ao mesmo tempo um florescimento via pós-graduação na instituição. O conjunto dos trabalhos da área ao longo das décadas reflete uma pluralidade de visões que contradiz alegações de que os EC são conservadoristas, sendo que prevalece na UFSC uma visão da antiguidade como fonte inesgotável de chaves para a interpretação dos problemas atuais, com destaque para o papel revitalizador da tradução.

**Palavras-chave:** estudos clássicos; latim; UFSC.

**ABSTRACT:** This article proposes to rescue the history of classical studies (CS) at the Federal University of Santa Catarina (UFSC), seeking to situate it in the history of Brazilian CS and analyze its changes and reactions over the decades, in addition to rehearsing reflections based on this rescue. The results show that the UFSC arises at the moment when the CS leave basic education and expand into higher education, having been present in it since its foundation. In the 1990s, the flexibilization of the curricula engendered by the 1996 education law (LDB) negatively impacted the area, but at the same time there was a flourishing via postgraduate studies at the institution. The set of works in the area over the decades reflects a plurality of views that contradict claims that CS are conservative, with a view of antiquity prevailing at UFSC as an inexhaustible source of keys for the interpretation of current problems, with emphasis for the revitalizing role of translation.

**Keywords:** classic studies; Latin; UFSC.

1. Ao justificar seu projeto “Pharos: Doing Justice to the Classics”, Curtis Dozier, do Vassar College de Nova York, oferece alguns exemplos ilustrativos dessas manipulações enviesadas da antiguidade clássica: “o Stormfront, o maior fórum neonazista da Internet, usa imagens do Partenon e do aqueduto Pont du Gard em imagens de cabeçalho para invocar a ‘história dos brancos’. Nos fóruns, um grupo significativo tem nomes de usuário retirados da mitologia grega ou da história romana. Da mesma forma, um dos principais oradores no violento comício Unite the Right em Charlottesville, VA, em 2017 mudou seu nome legalmente para Augustus Sol Invictus. [...] A queda de Roma tem sido repetidamente atribuída à imigração em massa ou suposta imoralidade sexual, e apresentada como um exemplo de por que a Europa deve fechar suas fronteiras e abandonar as políticas de gênero progressistas. Na chamada ‘manosfera’, uma coleção de blogs e sites misóginos, incidentes de violência sexual da história romana são tidos como justificativa histórica para culpar as vítimas, ou mesmo como prova de que as mulheres usam alegações de estupro em seu próprio benefício. Seja qual for o ódio que esteja sendo espalhado, em algum lugar uma referência clássica será encontrada.” (YEOMANS, 2018).

## INTRODUÇÃO

Em tempos de pós-verdade, nem mesmo a antiguidade clássica escapa de manipulações enviesadas. *Exempli gratia*, abundam atualmente situações em que membros de movimentos supremacistas e grupos de ódio afins tentam justificar-se e alegar embasamento na glória do mundo antigo.<sup>1</sup>

Os próprios estudos clássicos são eventualmente associados a essas abordagens oblíquas da antiguidade e, não raro, acabam sendo criticados como se fossem essencialmente conservadoristas, retrógrados ou elitistas, motivo pelo qual eventualmente os trabalhos da área acabam tendo que atacar esse tipo de visão. Como afirma De Pourcq (2019, p. 171, tradução nossa),

O fenômeno do conservadorismo e sua relação com os clássicos tem estado um tanto sob o radar dos estudos clássicos de recepção, possivelmente porque a concepção conservadora do clássico em termos de tradição, continuidade e identidade está em conflito com o quadro conceitual e ideológico dos estudos clássicos de recepção, pelo menos para seus principais teóricos, dado seu interesse nas humanidades teóricas modernas e a ênfase geral na adaptação e reescrita dos clássicos para a era moderna.<sup>2</sup>

Tal abordagem enviesada do mundo clássico e de seus estudos de recepção pode ser reducionista. Presumindo que todo reducionismo é pernicioso, entendemos que uma forma de combater esse tipo de prática possa consistir em refutar alegações de que os estudos clássicos são essencialmente elitistas ou conservadoristas através de resgates históricos que mostrem como a área reagiu a mudanças ideológicas e às agendas políticas de cada época, revelando possivelmente sua pluralidade e capacidade de reinvenção.

Dentro dessa possibilidade, este trabalho propõe resgatar a história dos estudos clássicos (doravante EC) na *alma mater* de seus autores, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - que estão particularmente ligados a língua e literatura latina - buscando situá-la na história dos EC brasileiros e analisar suas mudanças e reações ao longo das décadas. Adicionalmente, pretende-se ensaiar reflexões a partir desse resgate.

Parte deste trabalho de resgate e reflexão iniciou-se na ocasião em que seus autores elaboraram, com Pedro Falleiros Heise, uma série de diálogos intitulada “Uma visão dos Estudos Clássicos hoje” para o canal Destarte Podcasts (destarte.paginas.ufsc.br), promovido pelo Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFSC.

2. Texto original: “The phenomenon of conservatism and its relationship with classics has been somewhat under the radar of classical reception studies, possibly because the conservative conception of the classical in terms of tradition, continuity and identity is at odds with the conceptual and ideological framework of classical reception studies, at least for their major theorists, given their interest in the modern theoretical humanities and the overall emphasis on adapting and rewriting the classics for the modern age.”

O que se apresenta aqui, portanto, é um desdobramento daquele trabalho inicial.

### 1 MARCOS HISTÓRICOS DOS EC NO BRASIL

A fim de situar historicamente os EC na UFSC, julgamos necessário, antes, dispor um quadro histórico geral dos EC no Brasil, dando especial atenção ao latim. Com essa intenção, selecionamos alguns fatos que julgamos serem marcos relevantes, baseados principalmente em Cardoso (2014) e Tuffani (2006).

Podemos afirmar que a história dos EC no Brasil se inicia no século XVI, período marcado por três eventos principais: a fundação do Real Colégio da Bahia, em 1549, onde havia aulas de latim; a chegada de José de Anchieta, em 1553, latinista, autor de textos em prosa, cartas, relatórios, sermões e obras poéticas em tupi, português, espanhol e latim; e a elaboração da *Ratio Studiorum*, em 1599, uma espécie de parâmetros curriculares dos jesuítas, que recomendava o estudo de autores como Homero, Demóstenes, Sófocles, Eurípides, Aristóteles, Cícero, César, Virgílio, Horácio, Ovídio, Tito Lívio, Sêneca, Tácito e outros.

Mais adiante, apesar da expulsão dos jesuítas em 1759, houve a preservação da cultura clássica com seus

egressos, como o Pe. Antonio Vieira (1608-1697), talvez o mais célebre dos nossos retores, autor de imensa obra em prosa, além de poemas em latim. Nos séculos XVIII e XIX, principalmente a partir da chegada da corte, houve a criação de instituições importantes, como o Seminário de Olinda, a Biblioteca Nacional, a Academia de Belas Artes, os cursos de Direito em Olinda e em São Paulo, o ensino secundário, o Gabinete Português de Leitura e o Colégio Pedro II. Em 1891, houve uma diversificação do ensino superior e a produção de intelectuais de peso, entre eles professores, tradutores e latinistas, como Odorico Mendes e Santos Saraiva, entre outros.

A primeira metade do século vinte, não obstante todos os desafios que se anunciavam então, foi um período pródigo. Em nosso país, alguns marcos desse período foram: a criação do curso de Filologia Clássica (Latim e Grego), em 1925, na Faculdade de Filosofia de São Paulo, o primeiro curso de Letras no Brasil; na mesma época, a ampliação do ensino secundário, incluindo quatro anos de Latim (dois no fundamental e dois na seção complementar); e, em seguida, o surgimento de novos cursos de Letras Clássicas, além de cursos como Filosofia, História e Ciências Sociais, que tinham em seus currículos disciplinas voltadas para a Antiguidade.

Na década de 30, também houve uma ampliação da pesquisa acadêmica em EC: passam a ser publicados artigos e resenhas em revistas de cultura, e o número de traduções e livros didáticos aumenta. No início da década de 40, em 1942, a Lei Capanema ampliou para sete anos o ensino do Latim no secundário, e na década de 50, em 1954, é fundada a primeira Associação de Estudos Clássicos do Brasil.

Na segunda metade do século XX, os EC começam a enfrentar alguns revezes, que, no entanto, foram decisivos para reconfigurar sua identidade no país, até hoje marcada por uma abordagem científica. Rouanet (1998) caracteriza os anos 50 como um período marcado pelo desenvolvimentismo, durante o qual uma parte dos intelectuais entendia a crise do Brasil como estrutural, vinculada à sua condição de país dependente e subdesenvolvido; outra parte, como uma crise de caráter. O primeiro grupo acreditava que o país precisava de engenheiros e químicos, e se opunha a um estudo humanístico, por entender que, além de pouco útil, era importado. Esse pensamento predominou, e “da noite para o dia, o Brasil dos bacharéis transformou-se no Brasil dos tecnocratas.” (ROUANET, 1998, p. 306). Essa situação, no entanto, não era exclusiva do Brasil. De acordo com Funari (2015), após a Segunda Guerra Mundial,

[...] aquele mundo entrou em rápida erosão, com a emergência de movimentos sociais, por um lado, e com a corrida tecnológica e científica, por outro. [...] [A] disputa entre capitalismo e comunismo dava-se também, e de forma acentuada, no domínio da tecnologia. Tudo que cheirasse a tradição, letras, cultura passou a ser visto como empecilho para o almejado domínio do mundo. (FUNARI, 2015, p. 10).

Foi nesse contexto que, em 1960, a LDB tornou facultativo o ensino do Latim no secundário, o que contribuiu para sua quase extinção nesse nível. Rouanet (1998) aponta “[...] uma causalidade oblíqua, perversa, inesperada, entre o fim das humanidades e o fortalecimento do regime autoritário” (p. 307), ou seja, o fim das humanidades acarretou o fim do pensamento crítico. Pouco depois que disciplinas como o Latim - que faz parte do rol do que se costuma entender como o estudo das humanidades - perderam espaço nos currículos, instaurou-se no Brasil um regime autoritário.

Na mesma época, porém, seu ensino passou a ser obrigatório nos currículos dos cursos superiores de Letras, com a instituição dos chamados currículos mínimos em 1962. No início dos anos 70, a USP e a UFRJ criaram seus programas de pós-graduação em Letras Clássicas. E, em 1985, constituiu-se a Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), logo ao final da ditadura militar (1964-1985). Nesse

período, segundo Funari, “não mais se podia impor o jugo do tecnicismo, mas tampouco se podia ignorar a emergência das massas *sine imaginibus*, sem antepassados. Os estudos clássicos ressurgiam, qual Fênix, não mais como símbolo da dominação, mas como arma da liberação.” (2015, p. 12).

Se a LDB de 1960 tinha tornado facultativo o latim na educação básica, em 1996 a nova LDB o torna facultativo no ensino superior, o que o faz desaparecer de muitos currículos: um grande abalo para os EC no Brasil. Apesar disso, a partir de então, nas primeiras décadas dos anos 2000, observa-se uma renovação das pesquisas e, conseqüentemente, do interesse pelos clássicos no país. Maranhão (2009) registra, para esse período, uma ampliação na demanda das vagas nas disciplinas de língua latina nas universidades brasileiras:

Segundo o jornal O Estado de São Paulo, em matéria publicada em 09 de outubro de 2006, na USP verificou-se, em 6 anos, um aumento de 154% no número de alunos matriculados em Latim I; em 5 anos, a UNICAMP registrou aumento de 70% das matrículas na referida disciplina e a UNESP, de 118% na disciplina Introdução à Literatura Latina, constatando o INEP/MEC aumento na demanda de vagas nas disciplinas de latim também na UFJF, UFRGS e UFRJ. (MARANHÃO, 2009, p. 28).

Esses dados ajudam a explicar o estado atual dos EC, marcado pelo surgimento de novas graduações em Letras Clássicas e por uma grande diversidade de abordagens. Isso, porém, será objeto de apreciação em uma seção posterior deste artigo.

Uma primeira constatação que se pode fazer ao analisar tais marcos é que os EC no Brasil coincidem, em certa medida, com a história da educação formal neste país. Além disso, do século XVI até a primeira metade do século XX, o que vemos é um alargamento da presença e do escopo dos EC, especialmente na educação básica. Após esse período, observamos uma retirada acelerada dos EC da educação básica e uma conseqüente expansão no contexto da educação superior, incluindo aí tanto a dimensão do ensino quanto a da pesquisa. Assim, ao tentarmos periodizar a história dos EC no Brasil a partir desse quadro, podemos fazer de maneira aproximativa a seguinte distinção: um período inicial de presença massiva dos EC na educação básica e um período posterior, em que os EC se expandem na educação superior.

## 2 BREVE HISTÓRIA DOS EC NA UFSC

### 2.1 A PRESENÇA DOS EC NA FUNDAÇÃO DA UFSC

Conforme Carminatti e Fasolo (2019), referência básica desta seção, a história dos EC na UFSC começa com

a criação da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, primeira unidade a se instalar no campus da Trindade, em Florianópolis, no ano de 1961. Essa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras teve origem na FCF – Faculdade Catarinense de Filosofia, fundada em 1951 por iniciativa de professores de Direito de Santa Catarina e da Diretoria do Colégio Catarinense, de Florianópolis. A fundação da FCF foi determinante, ao lado de outros fatores, para a criação de uma universidade federal em Santa Catarina.

No início da constituição da UFSC, o Conselho Nacional de Educação autorizou o funcionamento de uma série de cursos, entre eles Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-germânicas. Os programas das cadeiras desses cursos eram aqueles pensados para a Faculdade Catarinense de Filosofia. O curso de Letras Clássicas, por exemplo, tinha a cadeira de Língua e Literatura Grega, lecionada por Eudoro de Sousa, e de Língua Latina, lecionada pelo Cônego Antônio Waterkemper. O Professor Eudoro também ministrava História Antiga e História de Roma no curso de História. Já o curso de Letras Neolatinas tinha duas cadeiras de Língua Latina e a cadeira de Filologia Românica, esta última ministrada por Agostinho da Silva. O curso de Letras Anglo-germânicas também tinha duas cadeiras de Língua Latina.

Até aqui, o que podemos ver é que a fundação da UFSC coincide com o início da presença dos EC nessa instituição. Situando esse evento na história dos EC no Brasil, conforme quadro desenhado na seção anterior, também podemos afirmar que ele coincide exatamente com o momento em que os EC começam a ganhar mais espaço no âmbito da educação superior, como consequência das mudanças suscitadas pela LDB de 1960 e o decorrente estabelecimento dos currículos mínimos para os cursos superiores.

## 2.2 PERSONAGENS IMPORTANTES PARA A PRESENÇA DOS EC NA UFSC

Desde a fundação da UFSC até o início dos anos 2000, alguns personagens foram importantes para determinar a presença dos EC na UFSC. Já mencionamos, na seção anterior, os nomes de Eudoro de Sousa, Antônio Waterkemper e Agostinho da Silva. Este último merece um relevo especial, o que também daremos aos nomes de Ivo Zimmermann, Raulino Busarello, Oswaldo Antônio Furlan, Celestino Tambosi, João Hernesto Weber, Mauri Furlan, Zilma Gesser Nunes e José Ernesto de Vargas.

Como dissemos antes, na época da fundação da UFSC, enquanto Eudoro de Sousa e Antônio Waterkemper assumiam as cadeiras de grego e latim respectivamente, a

cadeira de Filologia Românica ficava a cargo de George Agostinho Baptista da Silva, mais conhecido como Agostinho da Silva simplesmente. Agostinho, filósofo, poeta, ensaísta, professor, filólogo, pedagogo e tradutor nascido em Portugal, foi um humanista de estatura internacional e deu à UFSC a honra de ter sido um de seus fundadores. Com apenas 23 anos, doutorou-se com a tese *O Sentido Histórico das Civilizações Clássicas* (1929), e viveu entre 1947 e 1969 no Brasil, onde participou da fundação de diferentes instituições, entre elas a Universidade de Brasília, a Casa Paulo Dias Adorno, o Museu do Atlântico Sul, o Centro de Estudos Afro-Orientais na UFBA e a Universidade Federal de Santa Catarina.

Seguiu-se à geração de Eudoro, Waterkemper e Agostinho aquela de Ivo Zimmermann, Raulino Busarello, Oswaldo Antônio Furlan, Celestino Tambosi e João Hernesto Weber, marcada por valiosas contribuições nas áreas de metodologia para o ensino de latim, filologia, romanística, lexicologia e dialetologia. O Prof. Busarello, por exemplo, foi autor de *Contribuição linguística do modelo de Lucien Tesnière para o estudo do latim em cursos de Letras* (1981) e publicou em coautoria com Oswaldo Furlan duas obras até hoje relevantes: *Das letras latinas às luso-brasileiras* (1984) e *Gramática Básica do Latim* (1993). Celestino Tambosi traduziu e estudou *Peregrinatio ad loca sancta*, da Monja Eterea,

obra central para entender a mudança do latim para as línguas românicas. João Hernesto Weber, embora tenha migrado para a área de Literatura Brasileira em 1998, concebeu o projeto de uma gramática de latim para aplicação nas disciplinas de língua latina da UFSC.

A geração subsequente, composta por Zilma Gesser Nunes, José Ernesto de Vargas e Mauri Furlan levaram adiante o legado de seus predecessores e tiveram o mérito de estender o alcance dos EC em diversas frentes. Os dois primeiros consolidaram os estudos de literatura latina clássica no âmbito da graduação, mas foram particularmente atuantes na extensão universitária. Zilma, por exemplo, assumiu a gestão da Secretaria de Cultura (Se-Cult) da UFSC, ao passo que José Ernesto dirigiu um grupo de teatro para encenação de dramas clássicos, além de ter atuado em três projetos perenes: a Semana de Letras, o Estande de Latim da Sepex (a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão) e o projeto Latim na Escola, ao lado de Zilma. Mauri Furlan, por sua vez, foi um dos primeiros no Brasil a adaptar e utilizar o famoso método *Reading Latin*, de Keith C. Sidwell e Peter Jones, e teve papel fundamental para a presença dos EC na UFSC ao fundar a Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) e, assim, acomodar diversos trabalhos ligados a temas clássicos, o que ainda será tratado com mais pormenor adiante.

### 2.3 O IMPACTO DA FLEXIBILIZAÇÃO DA LDB DE 1996

Em 1970, a UFSC começou a reformular sua estrutura, adotando o regime departamental. Os atuais Departamentos de Língua e Literatura Vernáculas e de Língua e Literatura Estrangeiras pertenciam ao Centro de Estudos Básicos, que era encarregado de promover o ensino e a pesquisa principalmente no campo da Linguística e da Literatura. Nessa época existia o Curso de Licenciatura em Letras e as chamadas licenciaturas duplas, e disciplinas de latim faziam parte do currículo dessas licenciaturas.

Já no final dos anos 90, os cursos de Letras passaram por outra reestruturação. As antigas licenciaturas duplas foram substituídas por licenciaturas únicas, que eram: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa, Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa, Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola, Língua Italiana e Literaturas de Língua Italiana, e Língua Alemã e Literaturas de Língua Alemã. Nessa ocasião, foi criado o Curso de Bacharelado em Letras para o Português e para cada uma das línguas estrangeiras. Então, as disciplinas da área de Latim ficavam a cargo do Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas (DLLV).

O DLLV ministrava duas disciplinas de 30 horas cada na área de Latim aos cursos de línguas estrangeiras: Língua e Cultura Latina I (centrada no ensino da Língua Latina) e Língua e Cultura Latina II (centrada no ensino da Literatura Latina). Mas, em 2006, houve uma reformulação dos projetos pedagógicos dos cursos de línguas estrangeiras, e essas disciplinas foram retiradas do currículo. Os alunos das Línguas Estrangeiras passaram a frequentar as disciplinas do DLLV apenas como optativas.

Nesse mesmo momento, o curso de Letras-Português da UFSC também reformulou seu projeto pedagógico e, como consequência, as disciplinas da área de latim foram alteradas. As cadeiras de Língua Latina I, II e III continuaram sendo obrigatórias, mas passaram de 45 para 72 horas. Portanto, houve uma ampliação da carga horária. Já a disciplina de Literatura Latina, que tinha 45 horas, foi desdobrada em duas disciplinas: Estudos Literários III – Literatura Latina: Gêneros Diversos e Estudos Literários IV – Literatura Latina: Textos Fundacionais. Essas disciplinas de literatura são eletivas e, concomitantemente a elas, são oferecidas outras abordagens para os Estudos Literários, por exemplo, Estudos Literários III - a Metalinguagem na Literatura de Expressão Portuguesa. Os discentes devem optar por uma das duas, o



que faz com que alguns encerrem a graduação sem cursar nenhuma disciplina de Literatura Latina.

Tendo em vista a história institucional dos EC no Brasil, tanto a exclusão do Latim dos currículos dos cursos de línguas estrangeiras quanto o enfraquecimento da Literatura Latina no currículo de Letras-Português coincidem com a flexibilização dos currículos de letras engendrada pela LDB de 1996, que destituiu os currículos mínimos, tornando assim o latim facultativo.

#### 2.4 A EXPANSÃO DOS EC POR MEIO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Se na graduação a presença dos EC diminuiu, na pós-graduação, porém, ela aumentou significativamente, principalmente por meio do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), o primeiro programa voltado aos Estudos da Tradução criado no Brasil. Por diferentes fatores, mas principalmente pela presença de um dos professores de Latim do DLLV na fundação do programa em 2003, o Prof. Mauri Furlan, a PGET conseguiu acolher pesquisadores interessados em temas clássicos. Apenas sob orientação de Furlan, entre 2009 e 2015, foram produzidos, por exemplo, os seguintes trabalhos: *Uma tradução comentada das Categorias de Aristóteles* (2009), de Fernando Coelho; *Satyricon e tradução*

*poética: traduções brasileiras perante sutilezas cruciais da poesia de Petrônio* (2009), de Luiz Henrique Milani Queriquelli; *A tradução e o ensino de latim* (2010), de Thaís Fernandes; *A tradução do sublime em Metamorphoses de Ovídio* (2014), de Renata Santos; e *Antologia sobre a dignificação do vernáculo no renascimento: a tradução como partícipe no processo de estabelecimento das línguas neolatinas* (2015), de Leila Teresinha Maraschin. No mesmo programa, também foi defendido o trabalho *A literatura latina no Brasil: uma história de traduções* (2017), de Thaís Fernandes, sob orientação de Claudia Borges de Faveri; e *Corpus Iuris Civilis: uma tradução do Livro IV do Digesto hermeneuticamente fundamentada* (2018), de Fernando Coelho, sob orientação de Werner Heidermann.

O Programa de Pós-Graduação em Linguística (PP-GLin) também fomentou trabalhos relevantes na área, entre os quais se destacam: *Do acusativo com infinitivo latino ao nominativo com infinitivo português* (2003), de Mathias Schaf Filho, sob orientação de Carlos Miotto; *A ordem das palavras nas orações latinas: restrições sintáticas ao livre ordenamento*, de Soraya Paiva Chain (2014), sob orientação de Felício Wessling Margotti; e *Permanências e reincidências latinas do português brasileiro: uma proposta de ensino de latim via linguística histórica* (2016), de Luiz Henrique Queriquelli, sob orientação de Werner Heidermann.

Por fim, no Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGLit), pelo menos quatro trabalhos estiveram diretamente relacionados aos EC: *Ars traductoris: questões de leitura-tradução da Ars Poetica de Horácio* (1998), de Mauri Furlan, sob orientação de Walter Carlos da Costa; *Mimesis na ação em Édipo Rei e Esperando Godot* (2006), de Ciliane Bedin, sob orientação de Claudio Celso Alano da Cruz; *De Horácio a Drummond, o tempo dispara; de Drummond a Horácio, o tempo repara* (2008), de José Ernesto de Vargas, sob orientação de João Hernesto Weber; e *A Antígona errante: Judith Malina e a vida como performance* (2017), de Roberta Cantarela, sob orientação de Claudia Junqueira de Lima Costa.

Esse florescimento dos EC via pós-graduação na UFSC pode estar ligado a pelo menos dois fatores: o grande investimento estatal nos programas de pós-graduação ocorrido no Brasil entre 1998 e 2017 e um movimento internacional de reavivamento dos clássicos que vem ocorrendo desde a década de 90. Com relação ao primeiro fator, segundo a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 2018, p. 70), “De 1998 a 2017, o número de cursos [de pós-graduação] teve um aumento de 214% enquanto o número de alunos matriculados cresceu 265%. Na formação, o acréscimo de titulados foi na ordem de 307%.” Esse incentivo massivo

impactou a UFSC (a criação da PGET, por exemplo, deu-se nesse contexto) e, conseqüentemente, beneficiou os EC.

O segundo fator é um fenômeno mais global e tem como um de seus marcos a publicação de *Black Athena*, de Martin Bernal, no final dos anos 80, obra que abalou o cânone e os estudos de recepção. Bernal trouxe para o centro da agenda classicista o problema do multiculturalismo e provocou indiretamente um movimento de ressignificação dos clássicos a fim de torná-los novamente (ou pela primeira vez) relevantes em nossos tempos. Segundo Wills (2021 [1997], n.p.):

O multiculturalismo, longe de ser um desafio aos clássicos, é precisamente o que os está revivendo. Se há um ressurgimento do interesse pelos clássicos, é porque os estamos transformando em nossos clássicos – como fizeram as Renascenças dos séculos XII e XV, como fizeram o Iluminismo e o período romântico. Mas queremos que os clássicos sejam como o primeiro gabinete de Clinton e “pareçam com a América”? Quer queiramos ou não, essa é a única maneira pela qual os clássicos foram revividos. Os clássicos não são uma varinha mágica que nos toca e nos transmuta. Nós os revivemos apenas quando os repensamos como uma forma de nos repensarmos.

Esse “ressurgimento do interesse pelos clássicos” parece ecoar no conjunto de trabalhos produzidos no contexto dos programas de pós-graduação da UFSC antes mencionados, tendo em vista que, a julgar por seus temas, eles têm a clara intenção de atualizar os clássicos, tornando-os fonte de reflexão para problemas dos nossos tempos. Especificamente no caso da PGET, isso se faz ainda mais claro, posto que a tradução sempre foi, em todos os momentos de renascimento, um procedimento central nesse tipo de movimento:

[...] todos os avivamentos clássicos se apoiaram fortemente na tradução. As fontes gregas e árabes foram traduzidas para o latim medieval na Renascença do século XII. O grego clássico foi traduzido para o latim durante a Renascença do século XV – e depois para o vernáculo. Os textos centrais para o avivamento eram traduções, até mesmo traduções de traduções. Plutarco de North, tão importante para Shakespeare, era uma versão da tradução francesa de Amyot. *A Ilíada* de Chapman às vezes era baseada mais no latim de Andreas Divus do que no grego de Homero. Embora Shakespeare pudesse ler Ovídio em latim, ele ecoa com frequência o Ovídio do inglês Golding. (WILLS, 2021 [1997], n.p.).

O interesse, perceptível nos trabalhos mencionados, por obras relativamente marginais como o *Satyricon*, pela

dignificação dos vernáculos e pelo papel da tradução no avivamento dos clássicos parece reforçar a importância desse segundo fator.

#### 2.5 UMA SÍNTESE DE COMO OS EC NA UFSC REAGIRAM ÀS MUDANÇAS NOS CONTEXTOS NACIONAL E MUNDIAL

Vimos, até aqui, que a história dos EC no Brasil coincide com a história da educação formal brasileira, tendo havido, do século XVI até meados do século XX, um alargamento da presença e dos objetivos dos EC na educação básica e, a partir da década de 1960, uma fuga dos EC desse nível, com uma consequente expansão no contexto da educação superior, incluindo aí tanto a dimensão do ensino quanto a da pesquisa. Analogamente, a fundação da UFSC coincide exatamente com o momento em que os EC começam a ganhar mais espaço no âmbito da educação superior, como resultado das mudanças suscitadas pela LDB de 1960 e o decorrente estabelecimento dos currículos mínimos para os cursos superiores.

Dos anos sessenta até a virada do século, os EC continuam sendo cultivados na UFSC por mérito dos professores responsáveis pelas áreas de filologia, língua e literatura latina. Estes, embora estivessem amparados nacionalmente – por exemplo, pela Sociedade Brasileira

de Estudos Clássicos, que estava em franca ascensão no período e à qual todos foram filiados –, empreenderam esforços em diferentes frentes, nenhuma delas – cumpre pontuar – de viés conservadorista ou elitista, mas sempre insinuando uma ressignificação dos clássicos para o contexto atual, movimento que viria a se intensificar a partir do final dos anos 90, especialmente na pós-graduação.

Vimos também que a flexibilização dos currículos de Letras engendrada pela LDB de 1996, que destituiu os currículos mínimos, tornando assim o latim facultativo, impactou a UFSC, causando tanto a exclusão do latim dos currículos dos cursos de línguas estrangeiras quanto o enfraquecimento da literatura latina no currículo de Letras-Português. A despeito disso, houve ao mesmo tempo um florescimento dos EC via pós-graduação na instituição, motivado, por um lado, pelos investimentos estatais massivos nos programas de pós-graduação entre 1998 e 2017, e, por outro, por uma tendência internacional de reavivamento dos clássicos a partir da entrada do multiculturalismo na agenda classicista.

Em síntese, este breve resgate histórico da presença dos EC na UFSC nos mostra que a instituição reagiu sempre de maneira a acompanhar as mudanças, o mais das vezes de maneira propositiva e progressista: na época de sua

fundação, momento de restrição das liberdades políticas no país, tivemos um humanista militante, Agostinho da Silva, garantindo a presença libertadora dos valores clássicos; na virada do século, momento instável para as humanidades (que de algum modo ainda perdura), tivemos uma clara resistência via programas de pós-graduação, com foco para o papel revitalizador da tradução.

### 3 ENSAIANDO REFLEXÕES A PARTIR DESSE RESGATE HISTÓRICO

Como anunciamos na introdução deste trabalho, tínhamos a expectativa de que o resgate histórico da presença dos EC na UFSC pudesse servir para expor a natureza plural dessa área, em particular na instituição analisada, e assim, provada tal pluralidade a partir de fatos históricos, gerar subsídios para refutar alegações de que os EC reforcem teses conservadoristas e elitistas, ou de que a própria antiguidade se reduza a uma visão de mundo conservadorista.

A simples retrospectiva histórica das obras produzidas pelos classicistas da UFSC, seja por seus professores em diferentes épocas da instituição, seja por seus pesquisadores no contexto da pós-graduação, mostra que há uma pluralidade patente: Agostinho, um dos fundadores da UFSC, produziu *O sentido histórico das civilizações clássicas*

- cujo objetivo era provar que os gregos e os romanos tinham consciência da singularidade de seu tempo, uma dimensão de passado e futuro que guiava suas ações - e criou, na UFBA, o Centro de Estudos Afro-Orientais; seus sucessores, como Busarello e Oswaldo Furlan, produziram obras voltadas a reconstruir a herança latina na lusofonia e preocupadas com questões vernaculares, o que se afasta de um classicismo purista; José Ernesto de Vargas aproximou Horácio e Carlos Drummond de Andrade; Mauri Furlan, em sua tese, sistematizou uma teoria da tradução no renascimento; entre os trabalhos desenvolvidos nas pós-graduações, há todo tipo de abordagem: desde abordagens estritamente linguísticas, que buscam aproximar latim e português brasileiro, até o estudo de obras marginais ao cânone, que expõem aspectos também marginais da cultura latina antiga, sempre buscando repensar problemas de hoje a partir da descoberta dessas alternativas na antiguidade. Sobretudo, os trabalhos de pós-graduação põem foco sobre o problema da tradução, esse dinamismo capaz de lançar luz nova de tempos em tempos e fazer a reflexão renascer, sempre diversificando as alternativas de reflexão. Isso coincide com a seguinte reflexão de Rouanet (1998, p. 311):

Aprendemos latim para descobrir nossas raízes e tomarmos consciência do que somos hoje; para exercitar nossas

faculdades de análise e abstração; para conhecermos melhor esse latim moderno que é o português; para encontrarmos na Antiguidade romana paralelos com nossa atualidade, e para fugirmos dessa atualidade, recusando, num gesto de desafio político, e não de escapismo, o eterno presente que nos é imposto pela sociedade unidimensional.

Podemos dizer que prevalece na UFSC uma visão aberta para as possibilidades de leitura de mundo que os antigos têm a nos oferecer, uma visão da antiguidade como fonte inesgotável de chaves para a interpretação de problemas humanos, eventualmente contemporâneos, eventualmente atemporais. Como afirma Fiorin (1991, p. 516):

A antiguidade clássica, com sua variada gama de hipóteses e questões, constitui um ponto de referência, pelo menos para os homens pertencentes à cultura ocidental. Desde que seus modelos não sejam considerados imutáveis e eternos, mas ponto de partida para repensar a atualidade, continuam válidos.

Esse tipo de postura é muito diferente de usar a cultura da antiguidade clássica, ou de qualquer outra civilização prestigiosa, para simplesmente validar aquilo que já pensamos hoje em dia, com vistas a resultados políticos imediatos. É diferente de se apropriar da antiguidade de maneira reducionista e enviesada. Muito pelo contrário,

é um tipo de postura que se abre para a alteridade, deixando-se afetar pela diferença encontrada no choque cultural. Mais uma vez ecoando Fiorin (1991, p. 516):

Para cada cultura, qualquer outra é motivo de espanto, de desconfiança e até repulsa. No entanto, o conhecimento íntimo de uma cultura leva à compreensão e à aceitação da diferença. O estudo das línguas leva à alteridade e, portanto, à diferença. Permite-nos fugir do narcisismo, em sua vertente social, o autoritarismo, que nega a alteridade.

A UFSC, presumindo-a ser uma representante legítima dos EC no Brasil, embora modesta comparada a outros centros, ao longo de sua história e sobretudo no momento atual, parece manter aberto o convite para uma experiência profunda com a cultura do mundo antigo, promovendo assim um elogio à alteridade, que nos afasta do narcisismo autoritário. Todos esses dados e as reflexões a que eles nos levaram parecem corroborar a seguinte conclusão de Rouanet (1998, p. 330):

Não, as humanidades não são elitistas. Elitista é a política que as banuiu das escolas secundárias, substituindo-as por um ensino vocacional cujo principal objetivo é encaminhar para o mercado de trabalho as crianças de classe baixa, impedindo seu acesso à universidade; elitista é a política que exclui as humanidades

das universidades [...]; elitista, finalmente, é a política que, a pretexto de não sujeitar a criança a um saber alienado, deixa-a mergulhada numa pseudocultura ‘espontânea’, que em sua pobreza e indiferenciação bloqueia qualquer reflexão emancipatória e nesse sentido é a principal aliada da oligarquia.

As manipulações enviesadas da antiguidade e dos EC às quais nos referimos na abertura deste texto parecem estar, por fim, associadas a um fenômeno que Funari chama de “destruição de conceitos normativos”:

O mundo mudou muito nas últimas décadas e, mais ainda, o Brasil. A destruição dos conceitos normativos – segundo os quais todos devemos ser iguais e obedecer às normas – levou consigo os usos reacionários do mundo antigo. O ressurgimento do interesse generalizado pela Antiguidade Clássica deu-se, em primeiro lugar, para compreender a nossa própria civilização, tão ancorada no mundo antigo. Se, no passado, oprimiram-se as mulheres com o argumento *ex auctoritate* de que elas não tinham voz no mundo antigo, hoje elas ressurgem nas inscrições parietais, nas leituras a contrapelo, nas pinturas parietais e em vasos cerâmicos. Se antes Marcial ou Sêneca podiam ser usados para condenar o amor entre homens, hoje as inúmeras referências antigas ao erotismo entre iguais passaram a ser arma de liberação. (FUNARI, 2015, p. 12).

Para concluir, inspirados pelas palavras de Funari, podemos afirmar que a experiência classicista da UFSC, ao longo de sua história e sobretudo hoje, contribui para restaurar a isonomia democrática no Brasil, para promover uma compreensão da nossa própria condição civilizatória, para afastar argumentos pseudo-classicistas *ex auctoritate* sobre as mais diversas contendas político-ideológicas que acometem nosso debate público e para pluralizar o contato com o mundo antigo, tornando essa possibilidade uma “arma de liberação”.

#### REFERÊNCIAS

CARDOSO, Zelia de Almeida. O percurso dos Estudos Clássicos no Brasil. **Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, [S.l.], v. 27, n. 1, p. 17-36, nov. 2014. ISSN 2176-6436. Disponível em: <<https://revista.classica.org.br/classica/article/view/334>>. Acesso em: 16 jun. 2020. doi:<https://doi.org/10.24277/classica.v27i1.334>.

CARMINATI, Celso João; FASOLO, Camila Porto. **Gênese e constituição da Faculdade Catarinense de Filosofia**. Florianópolis: Insular, 2019.

DE POURCOQ, Maarten. The Costly Fabric of Conservatism Classical References in Contemporary Public Culture. In: RICHARDSON, Edmund (ed.). **Classics in Extremis: The Edges of Classical Reception**. London: Bloomsbury Academic, 2019.

FUNARI, Pedro Paulo A. Prefácio: A atualidade do latim no Brasil. In: FORTES, Fábio; PRATA, Patrícia (org.). **O Latim hoje: reflexões sobre cultura clássica e ensino**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 7-16.

MARANHÃO, Samantha de Moura. Reflexões sobre o ensino de língua latina em cursos superiores de Letras Modernas. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**. Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 27-36, jan./jun. 2009.

REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 70., 2018, Maceió. **Anais [...]**. Maceió: UFAL/SBPC, 2018. Disponível em: <<http://www.sbpnet.org.br/livro/70ra/index.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

ROUANET, Sérgio Paulo. Reinventando as humanidades. In: ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 304-330.

TUFFANI, Eduardo. **Repertório brasileiro de língua e literatura latina**. Cotia: Íbis, 2006.

WILLS, Garry. Não há nada de conservador no renascimento dos clássicos. Trad. de Luiz Queriquelli. **Revista Fora do Eixo**, v. 2, n. 3, abr. 2021 [1997]. Disponível em: <https://foradoeixorevista.wordpress.com/2021/04/27/nao-ha-nada-de-conservador-no-renascimento-dos-classicos/>

YEOMANS, Emma. The far right is using antiquity to re-brand itself – but classicists are fighting back. **New States Man**, 4 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.newstatesman.com/politics/media/2018/07/far-right-using-antiquity-re-brand-itself-classicists-are-fighting-back>>.

*Recebido em: 29-07-2021.*

*Aceito em: 09-08-2021.*